

A violência física na infância de estudantes de Enfermagem

The experiences of physical violence in childhood of Nursing undergraduate students

La violencia física en la infancia de estudiantes de Enfermería

Janice Machado da Cunha¹, Francisco Gleidson de Azevedo Gonçalves²,
Danielle Cristina de Castro Simões³, Danielle Abraão do Carmo⁴, Valleska Maturano de Souza⁵

Palavras-chave:
Violência
Violência Doméstica
Criança
Estudantes de Enfermagem

Resumo

Esta pesquisa teve como objeto de estudo: "As vivências de violência física na infância do(a)s aluno(a)s de um curso de graduação em Enfermagem". Os objetivos foram: a) analisar a ocorrência de violência física na infância de aluno(a)s de enfermagem; b) caracterizar os fatores circundantes à vivência dessa violência; e c) identificar as repercussões na vida adulta da violência sofrida na infância. O método utilizado foi quantitativo do tipo descritivo. Os sujeitos do estudo foram 190 estudantes de um curso de graduação em Enfermagem. Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Pedro Ernesto (CEP/HUPE-Projeto nº 2102). Do total de sujeitos do estudo, 61 (32%) sofreram violência na infância, predominantemente no domicílio, e os familiares foram os agressores mais frequentes. A maioria dos alunos considera a palmada às vezes necessária e 9 (14%) dos que sofreram violência na infância relataram que essa experiência repercutiu em sua vida adulta. Assim, a ocorrência de violência familiar na infância dos alunos é relevante, e a punição corporal como forma de educação naturalizada. Sugere-se a abordagem desse problema de forma mais aprofundada nos cursos de graduação em Enfermagem, favorecendo a prevenção da violência e o apoio aos que a vivenciaram ou vivenciam.

Keywords:
Violence
Domestic Violence
Child
Students, Nursing

Abstract

This research had as its object of study: "The experiences of physical violence in childhood of nursing undergraduate students." The objectives were: a) to review the occurrence of physical violence in childhood students of nursing; b) to characterize the factors surrounding the experience of violence; and c) to identify the effects in adulthood of the violence suffered in childhood. The quantitative descriptive methods were used. The study subjects were 190 students in an undergraduate course in nursing. This research was approved by the Ethics in Research Committee (2102-CEP/HUPE Project). From the total, 61 (32%) of the study subjects experienced violence in childhood, predominantly at home, and the most frequent offenders are relatives. Most students believe spanking sometimes is necessary, and 9 (14%) of those were abused in childhood reported that the experience reflected in their adult life. Thus, family violence in childhood was important for students, and corporal punishment was a kind of ordinary education. We suggested approaching this problem more deeply in the undergraduate courses in nursing, promoting the prevention of violence and supporting those who experienced violence in childhood and those who experience it nowadays.

¹ Doutora em Saúde da Criança, Enfermeira, Professora Adjunta do Departamento de Enfermagem Materno Infantil da Faculdade de Enfermagem da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: jancunha3@yahoo.com.br

² Acadêmico do 4º período do curso de graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da UERJ. E-mail: gleydy_fran@yahoo.com.br

³ Acadêmica do 7º período do curso de graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da UERJ. E-mail: danisiuerj@yahoo.com.br

⁴ Acadêmica do 8º período curso de graduação em Enfermagem da UERJ. E-mail: danielleabraao@msn.com

⁵ Acadêmica do 8º período curso de graduação em Enfermagem da Faculdade de Enfermagem da UERJ. E-mail: valleska_maturano@hotmail.com
Endereço para correspondência: Janice Machado da Cunha – Caixa Postal 46.513 – Agência Correios – Vila Isabel – CEP 20551-970 – Rio de Janeiro (RJ), Brasil – Tel.: (21) 9841-9724 – E-mail: jancunha3@yahoo.com.br

Artigo submetido em 28/07/2010 e aceito em 22/08/2010.

Palavra Chave:
Violencia
Violencia Doméstica
Niño
Estudiantes de Enfermería

Resumen

Esta investigación tuvo como objeto de estudio: "Las vivencias de violencia de los alumnos(as) de un curso de graduación en enfermería. Los objetivos han sido: a) analizar la ocurrencia de la violencia física en la infancia del alumno(a) de enfermería; b) caracterizar los factores circundantes a la vivencia de esta violencia; y c) identificar las repercusiones en la vida adulta de la violencia sufrida en la infancia. El método utilizado ha sido el cualitativo del tipo descriptivo. Los sujetos de estudio han sido de 190 estudiantes de un curso de graduación en enfermería. Esta investigación fue aprobada por el Comité de Ética en investigación - Proyecto nº 2102 - Comité de Ética en Pesquisa del Hospital Universitario Pedro Ernesto (CEP/HUPE). De un total de sujetos del estudio, 61 (32%) sufrieron violencia en la infancia, predominantemente en domicilio, y los familiares fueron los agresores más frecuentes. La mayoría de los alumnos considera la palmada a veces necesaria y 9 (14%) de los que sufrieron violencia en la infancia relataron que tal experiencia ha repercutido en su vida adulta. Así, la ocurrencia de violencia familiar en la infancia de los alumnos es relevante, y la punición corporal como forma de educación naturalizada. Se sugiere el abordaje de este problema de forma más profundada en los Cursos de Graduación en Enfermería, favoreciendo la prevención de la violencia y el apoyo que la han vivido o viven.

Introdução

Este artigo vincula-se à área temática "violência e saúde". Trata-se de uma síntese parcial de uma pesquisa mais ampla, que teve como objeto de estudo: "As vivências de violência física na infância do(a)s aluno(a)s de um curso de graduação em enfermagem". Os objetivos são: a) analisar a ocorrência de violência física na infância de aluno(a)s de um curso de graduação em enfermagem; b) caracterizar os fatores circundantes à vivência de violência física na infância (instrumentos utilizados, ocorrência de lesões e agressores); e c) identificar as repercussões na vida adulta da violência sofrida na infância.

Essa pesquisa originou-se da seguinte constatação: ao se abordar a temática violência na infância em cursos, palestras ou aulas tanto alunos quanto profissionais frequentemente justificavam a punição corporal de crianças em algumas situações. Nesse sentido, delineou-se como pressuposto deste estudo que a ocorrência de violência na infância repercute na idade adulta, levando à naturalização da punição corporal como forma de educar crianças.

Existe na literatura uma multiplicidade de definições e conceitos do que é a violência física; neste estudo, adotamos o termo abuso físico, definido por alguns autores como qualquer ação, única ou repetida, não acidental (ou seja, intencional), cometida por um agente agressor adulto (ou mais velho que a criança ou adolescente), que lhe provoque dano físico. O dano provocado pelo ato abusivo pode variar de lesões leves a consequências extremas, como a morte¹.

Trata-se de um tema de grande relevância, considerando a sua complexidade e as consequências para os indivíduos e a sociedade.

Muitos estudos apontam que a violência vivida na infância leva à reprodução de práticas violentas na idade adulta². A produção científica na área da Enfermagem acerca da violência ainda é incipiente: um estudo bibliográfico acerca dessa temática localizou apenas sete publicações da Enfermagem em periódicos nacionais indexados³; outra pes-

quisa bibliográfica, que abordou as propostas de prevenção à violência, constatou que, em um universo de 48 produções científicas, apenas 2,1% eram da Enfermagem⁴; além desses, outro estudo bibliográfico encontrou 37 produções científicas sobre enfermagem e violência contra a criança, sendo 8 publicações nacionais e 29 internacionais⁵.

Métodos

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa descritiva com abordagem quantitativa. Realizou-se um levantamento buscando o conhecimento direto da ocorrência do fenômeno violência física na infância e a mensuração dos dados obtidos⁶.

Obteve-se na Coordenação de Graduação da instituição investigada a listagem dos alunos do primeiro ao nono período de um curso de graduação em Enfermagem. O total de alunos listados era 294; destes, 278 estavam inscritos no semestre em curso à época da coleta de dados. Os critérios de inclusão como sujeitos do estudo foram: ser maior de 18 anos, estar matriculado no curso de graduação em Enfermagem, estar frequentando-o regularmente e aceitar voluntariamente participar da pesquisa.

Foram excluídos deste estudo 26 alunos; sendo 25 do 9º período (último), devido à dificuldade de acesso a estes por estarem em fase de conclusão do curso, e um aluno, por ser menor de 18 anos. Restando 252 alunos, destes, 62 não foram encontrados ou não aceitaram participar da pesquisa. Ao final do estudo obteve-se um total de 190 sujeitos respondendo a 75% de adesão.

A maioria dos alunos respondentes era do sexo feminino (177), solteiros (181), com a idade de 21 anos (37), sem filhos (184) e morando com os pais (143).

Adotaram-se os aspectos ético-legais normatizados na resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, cadastrando a pesquisa no Sistema Nacional de Ética em Pesquisa (SISNEP) e sendo submetida à avaliação do Comitê de

Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE), sendo aprovado em 27/08/2008 com o número Projeto 2102-CEP/HUPE. Foram incluídos nesse estudo apenas os alunos que concordaram em participar da pesquisa e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. Foram garantidos o sigilo e anonimato dos entrevistados, sendo os questionários devolvidos aos pesquisadores em envelope fechados, sem identificação e separados dos formulários de consentimento da pesquisa assinados pelos que concordaram em dela participar. Ainda com o objetivo de garantir o anonimato dos respondentes, optou-se por não identificar no questionário e na descrição dos resultados o número da turma a que pertenciam.

Na coleta de dados, foi utilizado um questionário autoaplicável com 24 questões, previamente codificadas, sendo seis abertas, oito mistas e dez fechadas. As questões abertas eram aquelas em que a liberdade de responder era total, e as fechadas eram aquelas que restringiam a liberdade de resposta dos entrevistados⁷. As questões mistas continham alternativas preestabelecidas, mas admitiam respostas não previstas⁸.

Os itens do questionário foram agrupados em 4 blocos: 1º) caracterização dos sujeitos da pesquisa; 2º) vivência de violência na infância; 3º) vivência de violência na adolescência e 4º) vivência de violência na idade atual. Foi realizado um pré-teste com cinco estudantes escolhidos ao acaso para avaliar a validade aparente do instrumento de coleta de dados. Após este, foram detectadas algumas dificuldades de entendimento do questionário, alterando-as de acordo com sugestões dos que haviam preenchido o questionário.

Os dados foram colhidos nos meses de setembro, outubro, novembro e dezembro de 2008.

Após o encerramento da coleta de dados, realizou-se uma tabulação simples. Na primeira fase, por dificuldades de recursos materiais e técnicos, não se utilizou nenhum *software*. Posteriormente, os dados mais relevantes foram tabulados, utilizando-se os programas Excel e Word.

Para minimizar a possibilidade de erros de tabulação, os resultados foram revisados duas vezes, alternadamente por diferentes membros do grupo de pesquisa. Na análise, os dados foram descritos a partir das frequências absolutas e/ou relativas obtidas, interpretados com base em literatura específica e reconhecida neste campo temático e contextualizados a partir da experiência e observação dos autores da pesquisa.

Resultados

Ao ser questionados sobre a ocorrência de violência física na sua infância, a maioria (121) disse não ter sofrido violência, (61) alegaram ter sofrido violência e 8 não responderam a este item.

Quanto aos fatores circundantes da violência sofrida pelos 61 alunos, pode-se destacar que: a) o domicílio foi o local mais referido como espaço de vitimização por 60 alunos, seguido da rua (16) e do colégio (9), por colegas de escola (Tabela 1); b) A mãe, o pai, os irmãos e os amigos foram os agressores mais frequentemente relatados (Tabela 2); e c) os tipos de violência física mais frequentes foram tapas (58), surra com instrumentos (23) e socos e pontapés (19) (Tabela 3). Dos (61) alunos que relataram terem sofrido violência na infância, 9 (14%) referiram ter adquirido traumas decorrentes da violência.

Foram relatados vários instrumentos utilizados na agressão, destacando-se: chinelo, cinto, fio elétrico, vara, vassoura, concha de feijão, bacia, calçado, tampa de panela, fivela de cinto, boneca, corda, chave, pente, pedra, mangueira d'água, "espada de São Jorge" e cabide entre outros.

Embora os dados sejam insuficientes para afirmar se a violência física ocorrida na infância repercutiu na vida adulta, pode se ressaltar que: a) a maioria, 127 alunos (66,8%) considera que o ato de dar palmadas, às vezes, faz-se necessário; b) 35 alunos (18,4%) relataram a ocorrência de violência física na adolescência; c) dos que narraram a ocorrência de violência na adolescência, 8 (22,8%)

Tabela 1: Distribuição percentual dos alunos de Enfermagem de acordo com o local onde ocorreu a violência física na infância

Local	n	%
Domicílio (N=60)	60	100
Rua (N=42)	16	38,0
Colégio (N=38)	09	23,6
Outro local (N=34)	02	5,8

Tabela 2: Distribuição percentual dos alunos de Enfermagem de acordo com o agressor responsável pela violência física na infância

Agressor (a)	n	%
Mãe (N=55)	51	92,7
Pai (N=47)	30	63,8
Irmãos (N=44)	23	52,2
Amigos (N=38)	10	26,3
Primos (N=37)	09	24,3
Desconhecidos (N=35)	05	14,2
Avós (N=36)	04	11,1
Professor (N=34)	01	2,9

Tabela 3: Distribuição percentual dos alunos de Enfermagem de acordo com o tipo de violência física na infância

Tipo de violência	n	%
Tapas (N=60)	58	96,6
Surras com instrumentos (N=45)	23	51,1
Socos e pontapés (N=45)	19	42,2
Outros tipos de violência (N=35)	07	20,0
Violência sexual (N=45)	03	6,6
Mutilações (N=37)	01	2,7

relataram ter adquirido traumas decorrentes da violência, e 8 (22,8%) consideraram que o agressor agiu corretamente; d) ao serem questionados se achavam correto que os pais batessem nas crianças como forma de educá-las, 141(74,2%) não acharam correto e 43 alunos (22,6%) responderam afirmativamente a esse item; e e) 10 alunos (5,2%) relataram que ainda sofrem violência.

Discussão

A maioria dos estudantes declarou não ter sofrido violência na infância. Contudo, considera-se relevante o percentual de alunos que foram agredidos fisicamente nessa faixa etária. Questiona-se a possibilidade de alguns alunos, embora tivessem sofrido violência na infância, não o tenham declarado no questionário, seja por medo, seja por não terem a consciência de terem sofrido violência na infância.

Esse questionamento baseou-se na constatação de que a maioria dos respondentes citou, em algumas situações, que o uso da punição corporal as crianças seria justificado. Houve casos em que o estudante respondeu não ao item violência na infância, porém relacionou fatores circundantes ao sofrimento de violência vivenciada na infância. Alguns alunos verbalizaram o medo de serem identificados e de que seus agressores fossem processados.

Nessa pesquisa, impressionam as declarações de alguns alunos sobre ser correto bater nas crianças para educá-las. Outro fato que chamou a atenção foi a constatação da ocorrência da violência na vida atual de alguns dos respondentes.

Os resultados deste estudo aproximam-se de outras pesquisas nacionais, que demonstram que a ocorrência de violência na infância não é um fenômeno raro. Um estudo que permitiu evidenciar esta realidade foi realizado em 1990, com 1.328 adolescentes matriculados em escolas num Município do Estado do Rio de Janeiro. Esse trabalho constatou que 52,8% dos adolescentes sofriam violência física de um ou de ambos os pais. Entre as práticas violentas citadas, destacaram-se: tapas, bofetões, tentar bater ou bater com objetos, ameaçar ou ferir com armas⁹. Em outro estudo, realizado com 470 crianças de três escolas de Curitiba, a maioria referiu ter sofrido punições corporais, sendo predominante o uso de tapas, seguidos tanto de tapas quanto de punições corporais de maior intensidade¹⁰.

Ressalta-se a ocorrência de outros tipos de violência relatada por 7 respondentes, além de 3 casos de violência sexual na infância. Esses dados, embora numericamente pequenos de acordo com a análise dos autores deste estudo, indicam a importância da adoção do modelo explicativo para a violência, proposto pela Organização Mundial de Saúde, chamado

ecológico. Essa proposta de análise contempla a complexidade da temática e a sua natureza multidimensional¹¹.

No Brasil, a violência contra a criança é realidade na vida da maioria das crianças, sendo relacionada como valor cultural, pois é um fenômeno que ocorre desde a antiguidade e vem sendo praticada não somente dentro do domicílio, mas também em outros locais como escolas, ruas, entre outros¹². Os episódios de violência na infância repercutem tanto na própria infância, quanto na vida adulta¹³. O comportamento da punição corporal é reforçador tanto para os pais quanto para os filhos, formando um círculo vicioso. Além disso, na aplicação da violência, pode ocorrer uma associação entre a dor que a criança sente e o amor em relação aos seus pais, pois a punição corporal geralmente é acompanhada por um discurso dos pais de que amam a criança e que batem para o bem dela. Com isso, acaba causando, na criança, uma associação do amor com episódios violentos, induzindo-a à prática da violência¹⁰.

Neste estudo, constatou-se que praticamente todos os que relataram abuso físico citaram os familiares como agressores, configurando-se a violência física como familiar e tendo o ambiente doméstico como locus privilegiado. Segundo pesquisas, cerca de 40% de todas as ocorrências registradas por mês nas delegacias do Estado do Rio de Janeiro são de agressão infantil intradomiciliar. Dados do Disque-Denúncia revelam que o maior número de casos é registrado na Baixada Fluminense¹⁴.

Os resultados desse estudo levaram-nos a concordar com a reflexão de alguns autores acerca da importância de um bom relacionamento familiar baseado no respeito mútuo, diálogo, escuta, negociação sem agressões e colocação de limites sem ameaças à criança¹⁵.

Conclusões

A violência na infância dos alunos é relevante: ocorre frequentemente no ambiente familiar e pode repercutir na vida adulta. Constatou-se, ainda que com menor frequência, a ocorrência de violência também durante a adolescência e na idade atual.

Embora o tema da prevenção da violência na infância nessa instituição investigada seja abordado desde o final da década de 1980, constatamos que a punição corporal como forma de educar as crianças ainda é aceita por grande parte de alunos dessa instituição.

Considera-se que, com uma maior reflexão dessa temática em escolas, universidades e, principalmente, em lares das famílias em questão, será possível diminuir os efeitos deletérios gerados pela violência física contra a criança. O desenvolvimento de práticas pedagógicas não punitivas pode

contribuir para um pleno desenvolvimento afetivo, emocional e socializador da criança. Nessa perspectiva, entende-se que a promoção da não violência na infância pode desenvolver adultos construtores de uma sociedade sem violência.

Sugere-se:

- a) abordar esse problema de forma mais aprofundada e permanente nos cursos de graduação em Enfermagem, proporcionando ampla educação em saúde, principalmente sobre a temática violência, pois muitos não sabem defini-la ao certo;
- b) criar mecanismos de apoio aos estudantes que ainda sofrem violência, além daqueles que são traumatizados em decorrência da violência vivenciada na infância e na adolescência, com o cuidado de preservar sua privacidade;
- c) promover campanhas educativas, junto aos alunos e professores, com o objetivo de desmistificar a punição corporal como forma de disciplina. Lembrar sempre: “a palmada deseduca”;
- d) realizar estudos com estudantes e profissionais de outros cursos de graduação, visando a ações intersetoriais e interdisciplinares de promoção da não violência e da cidadania.

Referências

1. Deslandes SF. Atenção a criança e adolescentes vítimas de violência doméstica: análise de um serviço. *Cad Saúde Pública*. 1994;10(supl. 1):177-87.
2. Cunha JM. A atenção de enfermagem à criança vítima de violência familiar [tese]. Rio de Janeiro: Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz; 2007.
3. Souza ER, Minayo MCS, Njaine K, Cruz AJM, Silvia, HB, Santos FCL, et al. Tendências da produção científica brasileira sobre violências e acidentes na década de 90. In: Minayo MCS, Souza ER (Org.). *Violência sob o olhar da saúde: a infrapolítica da contemporaneidade brasileira*. Rio de Janeiro: FioCruz; 2003. p. 49-81.
4. Gomes R, Silva CMFP, Njaine K. Prevenção à violência contra a criança e o adolescente sob a ótica da saúde: um estudo bibliográfico. *Ciênc. Saúde Coletiva*. 1999;4(1):171-81.
5. Cunha JM, Assis SG, Pacheco STA. A enfermagem e a atenção à criança vítima de violência familiar. *Rev Bras Enferm*. 2005;58(4):62-5.
6. Gil AC. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.
7. Barros AJP, Lehfeld NAS. *Projeto de pesquisa: propostas metodológicas*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Vozes; 2001.
8. Klein CH, Bloch KV. *Estudos seccionais*. In: Medronho RA (Org.). *Epidemiologia*. Rio de Janeiro: Atheneu; 2003.
9. Assis SG. *Trajetória sócio-epidemiológica de violência contra crianças e adolescentes: meta de prevenção e promoção [tese]*. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz; 1995.
10. Weber LND, Viezzer AP, Brandeburg OJ. O uso de palmadas e surras como prática educativa. *Estud Psicol (Natal)*. 2004;9(2):227-37.
11. Soares BM. *Enfrentamento da violência contra mulheres: impasses e desafios*. In: Taquette SR (Org.). *Violência contra mulher e adolescente/jovem*. Rio de Janeiro: UERJ; 2007.
12. Brito AM, Zanetta DMT, Mendonça RCV. *Violência doméstica contra crianças e adolescentes: estudo de um programa de intervenção*. *Ciênc Saúde Coletiva [periódico na Internet]*. 2005 Mar [acesso em 2010 Jun 10];10(1):143-9. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n1/a15v10n1.pdf>.
13. Saffioti HIB. *Síndrome do pequeno poder*. In: Azevedo MA, Guerra VNA (Org.). *Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder*. São Paulo: Iglu; 2000. p. 13-21.
14. Souza A. *Diga não à erotização infantil: Blog em defesa da infância saudável*. [Internet]. *Violência contra a criança é maior que estatísticas*. 2007 Aug. [acesso em 2009 May 29]. Disponível em: <http://diganaoerotizacaoainfantil.wordpress.com/2007/08/16/violencia-contra-crianca-e-maior-que-estatisticas/>
15. Assis SG, Pesce RP, Avanci JQ, Njaine R. *Por que é importante ajudar os filhos a “dar a volta por cima?”: Conversando com pais de crianças e adolescentes sobre as dificuldades da vida*. Rio de Janeiro: FioCruz/Claves/CNPq; 2006.